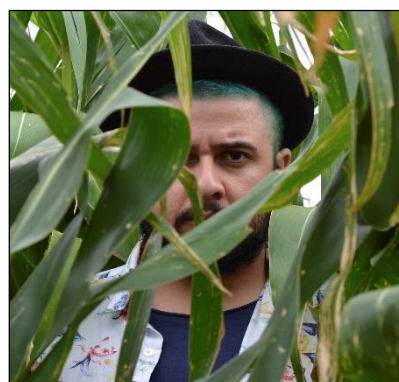




## COLETIVO INÇO

Vazio demográfico: o interior é o centro.



O **COLETIVO INÇO** é formado por **Audrian Cassanelli** e **Diana Chiodelli**, que são Professores e Artistas Visuais. Desde 2017 realiza ações no interior dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Com participação em exposições, salões de arte e rodas de mate. Destaque para a Bienal Internacional de Curitiba-Polo SC (2019).

**Instagram:** coletivo.inco

**E-mail:** [dianachiodelli@unochapeco.edu.br](mailto:dianachiodelli@unochapeco.edu.br)



### **Vazio demográfico: o interior é o centro.**

Soja. Rio represado. Soja. Asfalto. Soja. Fumaça. Soja. Agroindústria. Soja. Trigo.  
Soja. Porco. Soja. Gado. Soja. Fumo. Soja.

Progresso.

Inço. Nascente. Inço. Estrada de terra. Inço. Árvore. Inço. Agricultura familiar. Inço.  
Semente crioula. Inço. Biodiversidade. Inço.

Peste.

Progresso aqui no Oeste Catarinense tem cheiro de bosta de porco e frango vindo dos caminhões que abastecem a agroindústria. Progresso já foi o som das árvores nativas caindo e as toras sendo transportadas por balseiros rio abaixo. Teve som de bala e grito, daqueles que ao chegar, expulsaram caboclos e indígenas dessa terra. Progresso por aqui é morte.

Peste, erva daninha ou inço, nascem espontaneamente. Ocupando para retomar espaço, nas grandes lavouras a serviço do progresso. Precedem o surgimento das lavouras.

Lavouras são espaços de cultivo à serviço da monocultura. Museus podem ser lavouras. Galerias podem ser lavouras. Escolas também podem ser, quando descartam as sementes crioulas ao definir um só tipo de grão para o plantio. A arte antecede o surgimento desse formato de lavoura. Arte é inço.

Na cidade do progresso, capital da agroindústria, os inços se alastram através das fendas para retomar espaço de que fora deles. Afinal o interior é anterior. Anterior ao processo de colonização e segregação dos territórios de nossa região, as terras foram chamadas de vazio demográfico - anulando a presença de comunidades indígenas e caboclas, justificando a ocupação e marginalização desses grupos através da falsa ausência populacional. Anterior ao crescimento industrial que mancha a terra e o corpo indígena e caboclo. Anterior ao discurso que descentraliza esses corpos a favor das máquinas. Anterior ao canteiro de flor comprada das rótulas no meio do asfalto.

É anterior porque se cavar fundo, ali, no meio da praça do progresso, numa cova funda, dá pra ver a raiz firme dos inços procurando as rachaduras no asfalto pra crescer. Porque, assim como aqui, os interiores deste país são os centros de tudo.



Por tudo isso é que, aqui, como em tantos cantos desse Brasil fundo - em que os interiores são postos à margem do progresso que procura, através do concreto, inviabilizá-los - os inços retomam os centros.

O Coletivo Inço nasce com a vontade de retomar esses espaços que hoje são das monoculturas. Fazer brotar e ver vingar um jeito outro de se entender como gente do interior. Valorizando a coletividade e o trabalho das comunidades. Criado por professores-artistas, busca compreender os espaços onde brotam inços, sejam nas paisagens das salas de aula, das periferias e interiores, dos fazeres manuais e olhares multiculturais para os espaços entre arte e meio ambiente.

Sabemos que o cenário atual nos traz dúvidas e nos chama para resistir às podas, às queimas, à monocultura, ao extrativismo, aos cortes e tudo o que pode nos arrancar de forma definitiva de nossos contextos. Mas inço é uma peste dessas que resistem. E resistir é preciso em tempos como os nossos.

Quantas formas de falar de arte e meio ambiente existem, em tempos de resistência?

